



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 56

Certidão de nascimento

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Onde, quando, e quem.

São essas as perguntas que uma certidão de nascimento responde.

Ou que ela começa a responder.

Ou que ela deveria responder.

Onde, quando, quem.

O “por que” fica de fora dessa equação. A certidão de nascimento não tem nada a ver com isso. Muito menos com o “pra que”.

Ao longo da vida, o “por que” e o “pra que” vão guiando a gente muito mais do que o “onde”, o “quando”, e o “quem”. Se a certidão de nascimento é a primeira página da nossa história, ela não determina todo o resto.

Hoje, a gente tem duas histórias sobre esses documentos fundadores, sobre como eles nos moldam e o que eles contam. E quem vai contar a história do primeiro ato são a Paula Scarpin e a Flora Thomson-DeVeaux.

ATO 1

Paula Scarpin: Um ouvinte aqui do Rádio Novelo Apresenta – o artista plástico Bruno Romi – escreveu pro nosso e-mail contando que ele tinha duas amigas que ele achava que rendiam uma história aqui no programa.

Flora Thomson-DeVeaux: Eu lembro que, quando o e-mail do Bruno chegou, eu te encaminhei dizendo: "Isso aqui é a sua cara".

Paula Scarpin: Não foi só você!...Mas por enquanto, basta dizer que a história que o Bruno trouxe envolvia: confusão de identidade, música caipira, astrologia... e gêmeas octogenárias.

Flora Thomson-DeVeaux: Praticamente um resumo dos seus interesses.

Paula: Licença. Tudo bem? Prazer. Eu sou a Paula.

Celma: Eu sou a Celma.

Paula: Tudo bem, Celma?

Celma: E você é qual?

Flora: Eu sou a Flora...

Celma: Flora!

Paula Scarpin: A entrevista, aliás, aconteceu na casa do Bruno em São Paulo. E ele tinha armado uma mesa enorme de café da tarde pra gente, com chá, café, bolo, pão de queijo...

Célia: Eu vou pedir desculpa aos ouvintes, mas eu estou comendo um saboroso pãozinho de queijo oferecido pelo nosso querido amigo Bruno Romi! Ai, essas mineiras não podem ver um pão de queijo!

Paula Scarpin: Pela intimidade com o microfone, já deu pra perceber que elas são do ramo, né? As amigas gêmeas octogenárias do Bruno Romi são Célia e Celma: uma dupla de cantoras que talvez você conheça – se você for o tipo de pessoa que assiste o programa da Inezita Barroso ou do Rolando Boldrin na TV Cultura.

Duplas de irmãos – ou de irmãs – são coisa relativamente comum na música sertaneja ou na música caipira, né? Nessa fase mais recente a gente tem Simone e Simaria, Maiara e Maraísa, que tão sempre aí nos rankings de mais tocadas... mas eu cresci ouvindo Chitãozinho e Xororó, Leandro e Leonardo, Zezé di Camargo e Luciano... são todas duplas de irmãos. E o meu pai cresceu ouvindo Tonico e Tinoco, por exemplo. Dupla de irmãos também. Mas a Célia e a Celma não começaram como dupla sertaneja.

Quer dizer: elas sempre foram dupla.

Mas nem sempre sertaneja.

Célia: Porque, é, os shows, quando a gente faz o show voltado pra música regional caipira, que a gente tem se dedicado mais a ela nos últimos 30 anos,

Celma: depois que a gente mudou do Rio para São Paulo,

Célia: É, depois que a gente veio do Rio para cá, mudou tudo. Aqui é outra... Como é que eu vou dizer? É outra...

Celma: Cultura, né?

Célia: Tem outro tipo de universo, de cenário musical. Então, nós... Quando nós montamos esse show regional, caipira, músicas folclóricas, nós falamos assim: "Nós temos que fazer uma parte de humor". Que nós começamos como humoristas. O primeiro trabalho nosso na televisão foi como humoristas. As "Gêmeas Bonde".

Paula: Bond?

Celma: É, por causa do James Bond. Então era "Gêmeas Bonde".

Célia: Por causa do James Bond era "Gêmeas Bonde". Bonde. Era "Bonde" em português, viu, não é "Bond" em inglês, não. Bonde.

Paula: As Gêmeas Bonde, muito bom!

Paula Scarpin: Isso nos anos 60, quando elas saíram da cidade de Ubá – em Minas Gerais, onde elas nasceram – e chegaram no Rio.

Célia: o Rio de Janeiro ainda respirava os ares de capital federal. E, bem, nós começamos no Rio assim: nós fomos bater na porta da TV Tupi. O programa de maior audiência que tinha era o do Moacyr Franco, o cantor: "Moacyr Franco Show".

Celma: Aí o Mário, o pianista, Sérgio Moreno, ele falou assim: "Vocês sabem o tom de alguma música?" Eu: "Garota de Ipanema". Mas seria uma brincadeira com eles, né, gozação. Foi aí que eu acho que entrou o lado do lado de humor, que o Moacyr é um baita dum humorista, né?

Célia: Aí nós falamos assim: "Só que nós somos mineiras... nós chegamos no Rio... a Garota de Ipanema nossa é lá de Minas Gerais". Olha só.

Querendo dar uma de ... né, Celma?

Celma: Nós cantamos só duas frases pra eles: [cantando] "*Óia que troço mais bão, mais cheia de graça*"...

Célia: "*Mais cheinha de graça...*"

Celma: "*Cheinha de graça... É ela a cabocla que vem e que passa num doce requebro na trilha do mar... ô, comadre!*"

Célia: Por aí foi.

Celma: Uma brincadeira.

Célia: Mas, assim, até muito sem graça. Diga-se de passagem que é muito sem graça. Mas eles gostaram, assim, acharam a gente cara dura, eu acho. Cara de pau. "Essas aí são cara de pau".

Celma: Acharam que nós íamos funcionar. Aí que aí, na mesma hora, com essa história do James Bond que estava começando a fazer sucesso, já... Alguém teve a brilhante ideia: As Gêmeas Bonde.

Célia: esse é um humor leve, gostoso, né? Agora, nós trabalhamos com os gêmeos Chico Caruso e Paulo Caruso e durante o show– e eles têm uma música muito interessante que é feita, que foi feita justamente pra gente contar essa história de gêmeos.

Célia e Celma: [cantando] "*Chame meu nome pelo sobrenome / aí você pode acertar / Somos filhos únicos, estrelas sem par / Um par de dois, de dois em um / um parto duplo a cantar... / No meio da noite, em algum lugar, alguém vai meu nome trocar... / 'Celia', 'Celma', 'Celma', 'Celia', 'Chico', 'Paulo'...*" Tudo assim.

Célia: E continuava. E assim foi a abertura do nosso show "Cromossomos iguais".

Paula Scarpin: "Cromossomos iguais". A carreira da Célia e da Celma sempre girou muito em torno do fato de elas serem gêmeas. E não dá pra dizer que era só a carreira.

Paula: Eu queria saber: vocês, pequenininhas, a mãe vestia sempre igualzinha?

Celma: Sim, sempre.

Célia: O primeiro dinheiro que nós ganhamos na vida foi no circo. Mamãe vestiu a gente bem bonitinha, igualzinha. Ela fazia uns vestidos lindos para nós. Ela era muito caprichosa. Aí chegamos lá, nós de um concurso infantil... nós cantamos... Aí "Já ganhou! Já ganhou!", não teve jeito.

Paula: E quando vocês eram pequenas, vocês começaram a tentar se diferenciar?

Celma: Não, não.

Célia: Pelo contrário.

Celma: Nunca nos incomodou.

Paula: "Pelo contrário" como?

Célia: Nós sempre gostamos de confundir todo mundo. E nos aproveitamos muito disso também.

Paula: Como?

Célia e Celma: Uhhhh!

Célia: Ficou uma coisa que não pode nem contar.

Paula: Ih, ó, o Bruno tá me soprando aqui uma história de namorado.

Bruno Romi: Do término.

Célia: Ah, sim! Eu— meu primeiro namorado... Primeiro?

Celma: É.

Célia: eu... ele era do Rio, e eu morava em Ubá. E ele era viajante, ia vender produtos...

Paula: Caixeiro viajante?

Célia: Usava... é, tipo caixeiro. Usava muito no interior chegar esses viajantes. Se usava muito no interior, chegavam esses viajantes... e ele era um moreninho bonito... E eu gostei dele, assim, agradei ele de mim... Bem, a gente começou a namorar, e ele começou a ficar muito apaixonado. Pegava o trem, coitado, aquele trem Maria Fumaça, chegava lá todo fedorento de— de brasa, né, que caía, vinha as fagulhas pela janela, pela janela do trem e ele ia lá. E o negócio tá ficando sério, e eu já comecei a arredar. Então... "eu não tô muito a fim de levar a sério", eu queria ser cantora, sei lá, outra coisa...

Celma: ser artista, né?

Célia: Ser artista. Aí eu terminei com ele, ele chorou, chorou, eu fiquei com dó, voltei. Na mesma hora. Não demorou nem três minutos, eu voltei. Aí, mas eu fiquei com aquilo... falei: "Celma...", falei com a Celma: "ô, Celma, eu não sei o que eu vou fazer. Eu tentei duas vezes terminar com ele e ele chora, eu fico com dó, meu coração... Você podia terminar com ele para mim? porque ele não sabe quem que é uma, quem que é a outra". Então, quer dizer: "Você não está sentindo nada". Aí a espertinha vira pra mim e diz: "eu termino, mas você me dá aquela caneta que te deu de presente?" Eu falei: "Dou".

Celma: Negocieei!

Célia: Ele me deu uma caneta linda, né? Aí eu falei: "Dou!" Bem... aí o coitado chega no domingo... Eu fiquei atrás da moitinha que tinha lá em casa. Uma planta bonitinha. Fiquei escondida pra ver se a Celma ia terminar mesmo. Porque, se não, não ia ganhar a caneta, claro. E depois, não é só isso. Eu queria saber o que ela— é— como é que ela ia tratar o coitado. Aí foi assim...

Paula: Ia decidir a sua vida ali!

Celma: Aí foi assim: Vem com sorriso de orelha a orelha... quando ele fala— pega assim, no meu braço e fala: "Celinha, meu amor", eu falei: "Não tem negócio de meu amor, não, acabou aqui". Coitado!

Paula: Cê foi direto assim??

Celma: Fui.

Célia: "Celinha! Estou te desconhecendo"... e eu ouvindo. "Tô te desconhecendo, você nunca foi dura assim". "Mas agora eu tô, não quero saber". E eu quase chorando de tristeza. Mas aí ela ganhou a caneta. Ela terminou bem terminado, mesmo.

Paula: Não deixou pedra sobre pedra!

Paula Scarpin: Uns anos mais tarde, a carreira das duas já consolidada... a Célia acabou se casando.

Celma: A Célia foi casada quase 40 anos. Aí, de uns anos pra cá...

Célia: Tem dois anos que meu marido faleceu.

Celma: De uns anos pra cá eu fui morar com eles, uma casa muito grande e tal. Então a casa grande, ele, um jornalista, viajando muito, ela ficava sozinha, fui eu pra lá. Ou seja, a gente não se separa.

Célia: Quando nós acordamos ontem. Então eu falei assim: "Celma", eu chamei ela lá no meu banheiro, ela— "Celma, vem cá, você lembra a voz dessa música?" Aí eu comecei a cantar a música. Isso por telefone era complicado. Às vezes ela não atendia, e eu queria ir lá ver se essa música ia entrar no repertório...

Celma: Não, Célia, às vezes você tá no seu banheiro, e eu no meu, e a gente fica cantando pelas janelas! A acústica boa de banheiro...

Flora: Nunca teve uma fase da carreira que vocês nunca não queriam ver a outra pintada?

Célia: Não.

Paula: Vocês nunca brigaram de ficar sem se falar, assim?

Célia: Nem da carreira, nem da vida. Não. Isso que eu acho importante.

Celma: Tem uns arranhõezinhos, né? Tem uns arranhõezinhos, sim. "Ah, não enche o saco", tem. Mas sabe que uma vez... Não tem muito tempo não. Inaugurou um supermercado enorme, nós combinamos de ir na inauguração.

Célia: Na área do... na seção do hortifruti.

Celma: Combinamos de encontrar na seção de hortifruti. Então...

Célia: E o hortifruti, aquelas frutas desenhadas, com uns espelhos lindos, né? Aí ela falou: "Olha a Célia lá"... Quando ela levantou a mão, a mão levantou, era ela, mesmo. Ela pensou que fosse eu, mas era ela.

Celma: Era eu no espelho. Aí fiquei com crise de identidade, sabe? Me deu um negócio tão ruim...

Paula: É mesmo?

Celma: Não é? Eu não me achar? Menina, que isso? Já pensou você não se achar... Isso não quer dizer que eu não achei a minha irmã, eu me achei... que o que é aquilo, onde é que eu estou? O que está acontecendo?

Paula Scarpin: Parece uma coisa muito insensível de dizer, mas... eu não me surpreendo com essa sensação que a Celma tá descrevendo, que ela sentiu no hortifruti. O que me espanta é essa não ser uma sensação constante. Pras duas. Pra gêmeos em geral, mas especialmente pra Célia e pra Celma... considerando a história delas...

Flora Thomson-DeVeaux: Mas aí tem que contar a história delas. Vamo do começo.

Paula Scarpin: Pro começo. No dia 2 de novembro de 1942, o sol ainda não tinha nem despontado no horizonte da cidade de Ubá, em Minas Gerais, e o italiano Celidônio Mazzei já saiu de casa correndo: a bolsa da mulher dele, a Gioconda, tinha estourado, e ele precisava chamar a parteira – que já tava de sobreaviso. Não era a primeira vez que ele cumpria essa missão.

Nem a segunda.

Nem a terceira.

Na verdade, já era a oitava gravidez do casal.

A parteira já era praticamente da família.

Célia: Dona... Como é que era o nome da parteira?

Celma: Custódia.

Célia: Custódia.

Paula: Custódia.

Celma: Que nome de parteira, né?

Paula: Sim!

Paula Scarpin: A Custódia veio, fez o trabalho dela direitinho, como sempre...

Às 9h55 nasceu uma menina, que a família já tinha decidido, em assembleia, que ia se chamar Célia. A Custódia foi embora... E, passa um tempinho, a Gioconda volta a sentir as dores do parto. "Não deve ser nada, imagina, o bebê já nasceu..."

Mas ela continua sofrendo. Por uma hora. Duas...

Celma: Ela falou: "Tem alguma coisa errada". Aí, papai foi correndo atrás da...

Célia: Coitada, ela nem falou... Tava com tanta dor. "Ai!"

Paula Scarpin: ... e toca o Celidônio correr atrás da Custódia de novo.

Celma: a mamãe não sabia que vinham duas.

Célia: Nem a parteira sabia que tinha duas!

Paula Scarpin: A Custódia voltou – e, naquele dia, meio-dia e 55, ela fez o nono parto da família Mazzei. Mais uma menina – pra qual ainda não tinha sido deliberado nenhum nome pela assembleia familiar... e ela foi nomeada às pressas

de Celma. Com C. Célia e Celma. Só uma letra de diferença. Só uma letra e três horas.

Celma: três horas de diferença. Três horas exatas de diferença.

Paula Scarpin: Hoje, aos 81 anos, a Célia e a Celma são uma fotocópia uma da outra. Imagina quando elas eram bebês...

Celma: Nós éramos absolutamente iguais.

Paula Scarpin: Daí, pra saber quem era a Célia e quem era a Celma, o Celidônio e a Gioconda resolveram colocar uma fitinha de pano no pulso da Célia, a "mais velha".

Célia: Aí passou a amarrar a fitinha no meu braço. Fiquei sendo a mais velha – e a Célia, né? Só que dias depois de nascer – já tinha sido batizado, registrado e tudo – a mamãe não tava dando conta de tanto trabalho. Muito filho, muito... Ela que cozinhava naquelas panelas de pedra, naquele fogão de lenha – mineiro fala "de lenha", não é "à lenha", não. Eu sei que tá errado, mas tá certo. Aí precisou de uma ajudante.

Paula Scarpin: Nove crianças, sendo duas recém-nascidas. Imagina. Que bom que ela conseguiu contratar ajuda, né?

Celma: Aí, seguinte: entra a menina, que era jovem, menina de uns 14 anos. Coitada, tomar conta... Ela queria mais era brincar. Mas aí foi passada a responsabilidade para ela de dar o banho em nós duas. Eram umas bacias grandes de alumínio, então, uma de cada vez, explicou direitinho que tem que pegar, que pega na nuca e tal, aquele jeitinho. A menina era jeitosa, jeitosa. Deu banho em uma, colocou na cama peladinha em cima da toalha, tal.

Célia: Mas antes ela falou...

Celma: Minha mãe deu o recado: "cuidado que uma delas tem uma fita amarrada no braço pra gente saber quem é quem". Só que a menina devia estar com a cabeça não sei onde... deu banho nas duas, botou as duas peladinhas na cama... Quando a mamãe chega: "Escuta"... Não sei o nome da minha menina. E a fitinha molhada, assim, esticadinha na cama. A

mamãe chega e fala assim: "Do braço de qual que você tirou essa fita?"
"Ah, sei não, dona Gioconda".

Célia: "Molhou, eu tirei."

Celma: Ou seja, ela não registrou o que a mamãe havia dito, que não era para tirar a fita. Aí ficou aquela coisa... a mamãe não sabia. Chamou o papai, que nunca soube...

Célia: Papai nunca soube, morreu sem saber.

Celma: Chamou madrinha, padrinho, irmão mais velho. Então a maioria elegeu essa minha irmã gêmea como se fosse— como sendo a Célia. Como se tivesse nascido primeiro.

Célia: Aí passou a amarrar a fitinha no meu braço. Agora, se a fitinha antes desses 16 dias ou 18, sei lá, que eu já tinha nascido— se é— que nós tínhamos nascido... se a fitinha antes tava no braço da minha irmã, não se sabe. Essa que é a história.

Paula Scarpin: Essa é que é a história que o Bruno Romi contou nesse e-mail. Quer dizer: esse é o começo da história. Das duas gêmeas que talvez tenham sido trocadas nas primeiras semanas de vida. Mas uma coisa importante pra dizer de largada é: esse mistério realmente não importa tanto assim pra elas.

Celma: Eu não sei por que as pessoas têm tanto interesse em saber quem nasceu primeiro. Não faz a menor... Eu quero saber quem vai morrer primeiro. Agora, quem nasceu primeiro... e com um detalhe: pelo amor de Deus, se ela morrer, não me enterrem, não, no lugar dela! Porque as pessoas confundem tanto...

Paula Scarpin: É, as pessoas confundem. Mas elas também não ajudam.

Célia: a gente tem agora... nós pesamos... ultimamente nós estamos com diferença. Aí ela fica enfiando mais bolo em mim. 150 gramas só de diferença...

Paula: Pra poder manter... ficar igualzinha.

Célia: Nós queremos continuar iguais. A gente quer embolar a cabeça dos outros. Cê não acha que nós tamos certas?

Celma: Por exemplo.

Célia: Por exemplo.

Celma: Por exemplo.

Célia: Ela é a Celma.

Paula: Ah, mentira que vocês tatuaram diferente!

Célia e Celma: Sim, claro.

Paula: Deixa eu tirar uma foto.

Paula Scarpin: Nessa hora elas estenderam os braços e mostraram as tatuagens que cada uma fez. No braço da Célia tá escrito "Celma", no braço da Celma tá escrito "Célia". E essa foto que eu tirei tá lá na página desse episódio no site da Rádio Novelo.

Paula: Como foi essa ideia de fazer a tatuagem trocada?

Celma: Olha, quando nós fizemos 80 anos, no ano passado. Nós temos um sobrinho tatuador, lá em Ubá, lá em Minas, o Ricardinho. Aí o Ricardinho falou assim: "não quer fazer? Tá todo mundo fazendo tatuagem". Ele doido pra... Ele é afilhado da minha irmã – da Célia, né? Aí: "Vai, madrinha, vamo fazer!" "Que tatuagem, o quê?! Não tenho mais idade pra tatuagem!" Mas aí eu tive a ideia de– de tatuar os nomes invertidos, porque eu falei assim: "não é brincadeira". Tem gente que nos conhece há tantos anos e até hoje: "Você é qual?" Então, pra esses preguiçosos, vamo dar um castigo. Vou botar o nome da minha irmã, vou mostrar, e ele tá crente que vai acertar e não vai acertar. Então, chega perto de mim: "Você é quem?" Eu estico o braço, tá escrito "Célia", mas eu sou a Celma! É a vingança! É a vingança! Tchan tchan tchan tchan.

Célia: Escorpião é assim... escorpião é vingativo.

Paula Scarpin: Bom... cê tá vendo que foram elas quem tocaram no assunto de signo, né? Não fui eu. Eu queria abrir um parêntesis pra dizer que horóscopo é um assunto tabu aqui na Rádio Novelo. Boa parte da nossa equipe aqui tem aversão a astrologia que nem o Richard Dawkins tem aversão a religião.

Flora Thomson-DeVeaux: Olha, como representante dessa ala da equipe, eu posso dizer que levo um susto cada vez que pessoas sérias, jornalistas, gente da ciência, pró-vacina, enfim, me vem com papo de horóscopo... Mas eu já me acostumei com o fato de que a astrologia é a religião extraoficial do Brasil. Tem horóscopo até na TVzinha do ônibus, gente!

Paula Scarpin: Eu não chego a fazer mapa astral pra tomar alguma decisão importante – mas eu sou tipo daquele do time de "no creo en las brujas, pero que las hay, las hay", sabe? Eu não levo super a sério, não estudo, nada. Digamos que eu sou uma "fiel não-praticante" dessa religião. Mas enfim. Fato é que a Célia tocou no assunto de horóscopo, e esse é o gancho perfeito pra gente chegar numa outra história que o Bruno Romi já tinha adiantado no e-mail pra gente.

Célia: ... nós fomos pra– pra Nova Iorque. O meu marido, na época, ele era– ele era jornalista, né? Diretor da Gazeta Mercantil. E nessas férias ele ia– era férias, mas não-férias – ele ia encontrar com o correspondente da Gazeta lá nos Estados Unidos, que era também astrólogo – e um astrólogo super importante, ele era astrólogo do Presidente da República.

Paula: Quem era ele?

Célia: Getúlio Bittencourt. E o meu marido, José Antônio Severo. Aí o Severo marca com Getúlio para a gente ir à casa dele. Ele morava em New Jersey.

Paula Scarpin: Vamo combinar que "Getúlio" é um bom nome pra astrólogo de presidente, né? Além de ter coberto política pra vários veículos importantes tipo a Folha, Veja – além da Gazeta Mercantil, né? –, o Getúlio Bittencourt também foi astrólogo e secretário de comunicação do governo Sarney. E entre os vários livros que ele publicou, tem um chamado À Luz do Céu Profundo - Astrologia e Política no Brasil. Ele morreu em 2009, e, no obituário dele, eu li que ele formou um banco de dados com 14 mil mapas astrais. Pois bem.

Célia: aí, bem, marcamos com Getúlio Bittencourt na casa dele. E, chega lá, conversa vai, conversa vem, e ele faz essa pergunta: "Qual das duas que é mais velha?" Que é essa pergunta que todo mundo faz. Eu falei: "Pô, Getúlio, conhece a gente há tanto tempo e não sabe?" Ele: "não, nunca me interessei nisso aí". E eu tinha até esquecido que o Getúlio era ligado– fazia mapa astral.

Celma: E bom! Bem feito.

Célia: E um bom! Então ele falou assim: "Vocês nunca tiveram curiosidade?..." – nós contando essa história, de que achavam que nós tínhamos sido trocadas. Ele falou: "A astrologia pode explicar isso".

Celma: Por causa das três horas de diferença! Isso muda muito,

Célia: Três horas de diferença. Mesmo sendo uma de manhã e outra à tarde, aí é que dava mais diferença por causa dos signos ascendentes, nós nunca entendemos muito de astrologia... mas com as— nós demos as nossas— nossas— os nossos nomes e o horário que nasceu...

Celma: E aí ele foi pro computador. Olha que pra nós— ele foi lá, e pra nós aquilo era estranho. Computador, tudo...

Paula: Tava imaginando ele com um compasso!

Célia: A gente não tinha isso aqui, não...

Celma: era um mago!

Célia: E ele lá foi lá para dentro, pro escritório dele, ficou lá trancado. Daqui a pouco volta com tudo escrito em inglês, né? A gente não... Eu me formei no Ibeu, mas não sou bambambã em inglês, não.

Celma: Ainda mais esses trem, né, que fala de lua e tal, não sei das quantas.

Célia: É, dessas linguagens que eu não entendia, mesmo. Mas ele vai explicando. Aí ele começa: "Vou começar pelas características..." Minhas, né, Celma? Não, foi as suas. Da Celma. Aí ele pegou, falou assim: "Celma, você é muito organizada."

Celma: Eu já olhei para ela atravessada.

Célia: A Celma organizada??? Aí: "Você é capaz de—" como é que é que ele falou?

Celma: "de saber exatamente onde você guarda suas coisas."

Célia: suas coisas.

Celma: "as mínimas coisas, você sabe. Se for um brinco, uma coisa, você sabe onde é que você colocou."

Célia: E ele começou mas a explicar mais assim. E eu sou assim. Eu, Célia, né? Eu sei até hoje. Hoje mesmo ela falou: "Célia, sabe aquele oleozinho de botar no cabelo?", eu: "Celma, você vai no meu armário— no meu— meu banheiro, na prateleira, na porta do meio, na prateleira de cima, do lado direito. Pode ir de olho fechado". De noite, às vezes eu vou... eu quero pegar uma coisa, eu vou direto onde— onde estão as coisas, no escuro. E ela foi... Aí, eu fiquei olhando pra Celma... "Olha, eu quero ver o dela agora". A primeira característica da Celma, quando ele fala, gente, a coisa mais que— o que a Celma mais tem. Basta dizer que ela usa GPS para andar a pé.

Celma: Eu uso... eu uso GPS pra andar a pé.

Célia: Ela usa. Ela usa GPS para andar a pé, porque ela não tem... Quando ele fala: "Você, Célia, para mim, você não tem o menor senso de direção", eu falo: "Ah, você tá enganado! Eu tenho, e muito!" Aí nós achamos que se for acreditar nesse mapa astral do Getúlio... não digo no dele, o Getúlio, eu digo, se for acreditar nos astros, né? Nós estamos trocadas.

Paula Scarpin: A fitinha que molhou no banho, lembra?

Será que quando a fitinha voltou pro braço, ela voltou pro braço da nenê errada?

Segundo os astros, sim. Quer dizer: segundo a leitura que o Getúlio Bittencourt fez dos astros, usando um programa de computador nos anos 80, sim.

Ou melhor: segundo o que a Célia e a Celma se lembram da leitura que o Getúlio fez nos anos 80, sim, elas foram trocadas.

Célia: E, assim... Olha... o que que vai mudar, né?

Celma: É.

Célia: Nada.

Paula: Vocês pensaram em trocar o nome...? Com a tatuagem...

Célia: Não, agora com essa história de trocar, a gente troca tanto, assim, essa história agora, de ter– de eu ter feito– botado o nome dela no meu braço e ela colocado o meu. Sei lá, pode ser. Mas não foi com essa intenção, não.

Paula: Vocês chegaram a fazer mais mapa depois?

Celma: Não.

Paula Scarpin: Eu não sei se, ouvindo essa história, você pensa a mesma coisa que eu pensei de cara. Pra mim era óbvio: vamo fazer um novo mapa astral pra Célia e pra Celma! O meu impulso era abrir o celular na hora e jogar os dados todos no Personare, no Astrology Café ou no Co-Star, qualquer um desses...

Flora Thomson-DeVeaux: É... o pior é que – mesmo sendo representante da ala negacionista da astrologia – eu preciso confessar que eu tive o mesmo impulso. Talvez por excesso de convívio com os seguidores da seita, ou talvez porque essa história praticamente pede por isso.

Paula Scarpin: Né??? Mas, enfim, antes de recorrer aos recursos astrológicos online, eu lembrei que – assim como o Severo, o marido da Célia – eu também tenho uma amiga jornalista e astróloga... e "das boas": a Maína Mello, que já escreveu horóscopo no Globo, na Folha e na revista Glamour.

Paula: *Oi, Maína! Então, seguinte...*

Paula Scarpin: Eu queria que a Maína fizesse os mapas astrais da Celma e da Célia sem saber nada sobre elas.

Paula: *... não queria te dar muitos detalhes, mas envolve duas irmãs gêmeas que nasceram com muito tempo de diferença, assim, com três horas de diferença...*

Paula Scarpin: Quer dizer: eu queria que ela soubesse só o básico pra poder fazer o mapa.

Paula: *[...] você toparia que eu te passasse as datas, horários e o local de nascimento pra você ter isso de base na hora que a gente for conversar?*

Paula Scarpin: A Maína topou fazer esse mapa meio "às cegas", e topou gravar a leitura que ela fez do mapa. Eu não vou entrar muito em detalhes do que significa um mapa astral, só vou falar um pouco do básico do básico pra pra você poder entender um pouco o que a Maína vai falar.

Basicamente o mapa astral é uma "foto" do céu no momento do seu nascimento, exatamente do ponto da Terra em que você nasceu.

Pela astrologia, o posicionamento de todos os astros – os planetas, o sol, a lua – no momento daquela "foto" influenciam na sua personalidade.

Mas, pra resumir, a gente vai falar aqui só em signo solar – que é o signo que todo mundo conhece, do dia do aniversário, enfim... – e em signo ascendente, que é o planeta que tá brotando no horizonte no momento do seu nascimento.

Maína: Deixa eu abrir aqui os mapas juntos para te falar. Vamos lá. Bom, o caso dessas gêmeas é interessante porque como elas nasceram com três horas de diferença, elas têm mapas astrais bem distintos. As duas são escorpianas e têm a lua em leão. Isso não muda no mapa delas, mas o signo ascendente muda a cada duas horas. O mapa da primeira gêmea tem

um horário menos problemático, porque mesmo que ela tenha nascido uns minutinhos antes ou depois, o ascendente é Capricórnio.

Paula: Porque é dentro dessas duas horas que você falou que normalmente é entre essas duas horas que muda, ela está bem na meiuca.

Maína: Exatamente. O ascendente se encontra num grau bem no meio do signo de Capricórnio.

Paula: Tá.

Maína: Já a segunda gêmea, que nasceu às 12h55. Nessa hora o ascendente se encontrava no último grau de Aquário. Então, se ela tiver nascido apenas dois minutos depois, às 12h57, o ascendente já seria Peixes. Olha. A gente precisa levar em consideração que na época que elas nasceram, nos anos 40, não se costumava registrar com precisão o horário de nascimento. Costumava arredondar. [...]

Paula: Que os dois cravadinhos três horas, né? 55 os dois.

Maína: Isso, três horas exatas, né, uma às 09h55, a outra meio-dia e 55. Qual a probabilidade de acontecer?

Paula Scarpin: Faz sentido, né?

Maína: É o que a gente chama de nascer "na cúspide", nascer na divisão. Então, provavelmente o que aconteceu naquela época, como não se registrava horário exato, foi que ela nasceu mais ou menos três horas depois, e aí registraram exatamente três horas depois. Mas ela já pode ter nascido realmente no finalzinho de um signo ascendente, ou bem no início de outro. E aí ela fez um mix das influências. Ela pode ter um pouquinho de Aquário e um pouquinho de Peixes.

Paula Scarpin: Tá, mas o que que isso significa? Segundo a astrologia, o que que significa uma gêmea ter ascendente em Capricórnio e a outra ter um ascendente misto de Aquário com Peixes? Eu tinha pedido pra Maína ler esses mapas pra mim, e pedido pra gravar essa leitura... pra poder usar aqui no episódio, sim – mas antes, pra tocar pra Célia e pra Celma. Uma espécie de "chá de revelação" de mapa astral.

Maína: No mapa da primeira gêmea, nós vemos uma personalidade mais profissional, preocupada em ter uma carreira e ganhar dinheiro. Com ascendente em Capricórnio, a pessoa tende a levar tudo mais a sério. Elas estudam, se preparam pra realizar o que querem, planejam se formar, casar,

ter filhos até tal idade, coisa assim. Ela pode ser mais objetiva, mais prática nesse sentido. Agora com ascendente em Aquário, a pessoa tende a ser mais social. Gosta de andar em grupo e se liga mais nos amigos também.

Paula: E agora?

Celma: E aí, quem cê acha que é a primeira?

Célia: Sou eu mesma.

Celma: E a segunda sou eu.

Paula Scarpin: Temos uma reviravolta: pela leitura do mapa que a Maína fez, agora, em 2023... Célia é Célia, Celma é Celma.

Maína: o mapa da primeira que é com ascendente em Capricórnio, é o mapa onde eu vejo mais forte a tendência ao casamento. O outro mapa, como tem essa— essa qualidade, um pouco mais livre, mais solta, pode se desprender da tradição do casamento, ter um desapego em relação a isso.

Célia: Quem casou fui eu! A Celma, por exemplo, sempre foi mais de fazer amizade, às vezes até a amizade errada...

Celma: errada.

Célia: que não prestava por causa desse impulso dela, isso é muito dela.

Paula: Tá fazendo sentido?

Célia: Tá. Não, assim, essa de casamento fui eu, Célia, tá?

Maína: Agora, se o ascendente dela for Peixes, ela pode ser mais empática, mais sensível, sonhadora, do tipo que se envolve mais, que se afeta mais...

Célia: Agora, tem uma coisa: negócio de "sensível". A Celma era tão sensível com esse negócio de relação amorosa que ela sofria muito...

Paula Scarpin: Tudo batendo certinho. Considerando que o mapa astral de cada pessoa é um só, não muda... ou o Getúlio Bittencourt se confundiu, ou elas tão lembrando errado daquela leitura que ele fez nos anos 80. Segundo a leitura da Maína, depois do fatídico banho nas bebês, a pulseirinha voltou pro punho da Célia, não teve troca.

Celma: Agora, pera aí, a minha curiosidade é que eu te mandei a certidão...

Paula Scarpin: Um segundo antes de a gente entrar nessa chamada de vídeo, a Celma tinha me mandado duas imagens pelo WhatsApp, que eu não tinha visto ainda. Eram as certidões de nascimento delas, que ela tinha encontrado.

Paula: a certidão.

Celma: Tá certo ou tá trocado?

Célia: Não, tá certo...

Paula: A certidão que você me mandou é Celma nascendo às 9h55...

Célia: Não, eu que nasci...

Paula Scarpin: Epa .

Célia: A certidão tá errada, Celma.

Celma: Não! Pela certidão nós fomos trocadas, mesmo, não a certidão que tá errada!

Célia: Mas o tabelião pode ter trocado. Não?

[00:08:29] **Paula:** Não, gente! O que a gente entende é que, pelos nomes que a gente conhece vocês, e quem nasceu primeiro, Célia é Célia e Celma é Celma. Agora vocês me trouxeram um novo elemento de dúvida agora com essa certidão de nascimento!

Célia: Tá certo! Que ótimo! A gente já desconfiava, né?

Paula Scarpin: Por essa reviravolta eu não tava esperando.

Paula: Se a gente acreditar em astrologia, com certeza que nasceu primeiro tem as características da Célia, e a que nasceu segundo tem as características da Celma, então, assim, o que estaria errado seria a certidão! Então o que que explica essa certidão agora falando que a Célia nasceu depois, gente?

Célia: Vamo lá brigar lá no cartório, vamos pedir pra eles... como é que chama o negócio? Como é que se chama o trem? Como chama o trem?

Celma: É processo. Danos morais.

Flora Thomson-DeVeaux: Bom, boa sorte pra elas...Se tem uma instituição mais poderosa que a astrologia no Brasil, talvez sejam os cartórios.

Paula Scarpin: Se bem que eu acho que elas não tão se importando muito...

Paula: Eu fiquei procurando nas músicas que vocês cantavam alguma que tivesse a ver com signo.

Célia e Celma: Não.

Paula: A que eu achei mais próxima era uma de Jararaca e Ratinho que vocês cantavam.

Célia: Ah, tá essa música é ótima! Porque é aconselhando as pessoas a achar a data certa pra casar.

Célia e Celma [cantando]: *Quem ainda não casou, não se casa em janeiro, que a desgraça desse mês se repete o ano inteiro. Não se casa em fevereiro. Por quê? Fevereiro é mês "faiado"... Quem se casa nesse mês, os "fio" nasce pelado!*

Branca Vianna: Essa foi a Paula Scarpin, diretora de criação da Rádio Novelo, com a Flora Thomson-DeVeaux, nossa diretora de pesquisa.

A nossa segunda história hoje é sobre uma certidão de nascimento que não traz nem “onde”, nem “quando”, nem “quem” – só “o quê”.

As outras perguntas quem tenta responder é a Évelin Argenta.

ATO 2

Évelin Argenta: Eu queria te fazer uma provocação:

Ancelmo: o que é que não está no Google?

Évelin Argenta: Quer dizer, eu não. O Ancelmo Gois.

Ancelmo: É difícil. Eu tenho um amigo que fez uma vez essa brincadeira no almoço que devia ter umas 20 pessoas. Cada um ia escrever uma coisa que não estivesse no Google. É muito difícil. O que não está no Google.

Evelin: Alguém conseguiu achar alguma coisa?

Ancelmo: Conseguiu, porque... aí também apelaram. Teve um que disse assim: "não está no Google o cardápio do almoço de hoje".

Evelin: Ah, bom, aí também...

Ancelmo: Aí também... Mas se botasse o cardápio do presidente, estaria no Google. E o que é que não está no Google? Tá tudo lá. Tudo lá.

Évelin Argenta: É até estranho pensar que a gente existiu antes do Google, né? É tudo tão mais fácil e rápido desde que ele apareceu, que imaginar que era preciso recorrer a outros métodos pra buscar informação parece coisa de filme. Imagina ter que comprar o Guia Quatro Rodas atualizado todos os anos pra achar qual é a rodovia certa pra pegar nas férias? Ou então ter uma gaveta cheia de cadernos de receita escritos à mão e não poder clicar no TudoGostoso.com pra saber se pode usar margarina no lugar de manteiga? Mas, nem sempre foi assim. Antes de ir pro Google, as informações percorreram um longo caminho que, na maioria dos casos, passou pelo papel.

Ancelmo: eu praticamente nasci numa redação, porque eu nasci em 48, lá em Sergipe, e com com 15 anos já fui trabalhar numa redação, na redação de jornal chamado Gazeta de Sergipe. No começo eu era um faz tudo e organizava o arquivo de fotos. Na verdade, naquele tempo não eram bem fotos, eram clichês feitos de zinco.

Évelin Argenta: "Clichê" era uma placa de metal com palavras ou imagens em relevo que era usada pra fazer a página de um jornal antes da invenção do computador e dos processadores de texto. E "clichê" também tá no dicionário como sinônimo de uma coisa meio estereotipada, que se repete. Então, pra não fugir do "clichê" do podcast... deixa eu te apresentar melhor o Ancelmo.

Ancelmo: Pois é, eu sou Ancelmo Gois, sou jornalista, tenho 75 anos e sou sergipano, mas vivo no Rio desde os anos 70. E faço, no momento, uma

coluna no Globo, uma coluna de notas. Aliás, essa coluna já faço ela no Globo há mais de 20 anos.

Évelin Argenta: O tipo de jornalismo que o Ancelmo sempre gostou de fazer é o jornalismo de notas: informações rápidas e curtas e que, normalmente, são publicadas numa coluna. Tipo as fofocas internas de um partido político, por exemplo. Já no Rio, o Ancelmo passou pela Gazeta Mercantil, pela Revista Exame, pela Revista Veja, até chegar no lugar que ele realmente queria.

Ancelmo: até que fui pro Jornal do Brasil em 1986. A ideia de trabalhar no Jornal do Brasil era uma ideia de uma felicidade estúpida, porque eu me lembro que no primeiro dia que eu entrei lá no Jornal do Brasil, eu comecei a vomitar, a passar mal de emocionado que eu estava de ter... de tá pisando no Jornal do Brasil, né.

Évelin Argenta: O Jornal do Brasil, ou o JB, já passou por várias encarnações, deixou de ser publicado, voltou... e hoje em dia só tem edição digital. Mas, até o começo dos anos 90 era um dos mais importantes do país. E um dos mais influentes também.

Ancelmo: E eles me deram a responsabilidade de fazer aquele Informe JB que era a coluna, certamente a coluna mais importante do jornalismo brasileiro.

Évelin Argenta: O Informe JB era uma coluna diária com assuntos variados, mas que giravam em torno de política. Ela era publicada no Jornal do Brasil e replicada em diversos jornais do país de norte a sul.

Ancelmo: a coluna, no caso o Informe JB, procurava cobrir aquele aquele momento histórico de uma maneira mais descontraída, mais engraçadinha, mais bem humorada.

Évelin Argenta: O "momento histórico", que o Ancelmo tá falando, eram as eleições de 1989, as primeiras eleições diretas pra presidente depois da ditadura militar. E a campanha política, claro, era um prato cheio pruma coluna de notas. Ainda mais aquela campanha política.

Ancelmo: Você tinha pela primeira vez uma presença dos políticos nos meios de comunicação fazendo os programas. E teve os grandes debates.

Me lembro muito bem. Os grandes debates presidenciais era...o país parava para ver.

Brizola: *Malufistas, filhotes da ditadura. Todos filhotes da ditadura. Todos engordaram na ditadura.*

Maluf: *Desequilibrado!*

Évelin Argenta: Talvez você até já tenha visto essa cena aí no Youtube. É um vídeo ainda do primeiro turno. O Brizola e o Maluf xingando um ao outro em pleno debate, enquanto a Marília Gabriela tenta educadamente pedir que eles parem. O bordão "filhotes da ditadura", repetido pelo Brizola fez sucesso até o fim da eleição. Uma eleição que, pela primeira vez, era vista de casa pelos brasileiros. E todo esse rico material gerado pelos debates desbocados virava assunto pra coluna. E foi um caso desses que chamou a atenção do caçador de notinhas Ancelmo Gois.

Ancelmo: como foi o caso de "maracutaia", porque o Lula começou a falar em "maracutaia". "Porque é maracutaia", "porque maracutaia", "porque maracutaia"... e você— no dicionário não tinha essa palavra, não tinha essa palavra... não tinha essa palavra.

Lula: *Do meu lado, você tem aqueles que lutaram durante 30 anos pra conquistar a Democracia. E do outro lado você tem aqueles que 30 anos fizeram todo o tipo de maracutaia pra evitar que nós conquistássemos uma Democracia.*

Évelin Argenta: Maracutaia. Como é que pode uma palavra – que hoje em dia é tão familiar pra gente – ter pego tanta gente de surpresa em 1989??

Ancelmo: Eu me lembro que eu pedi ajuda para descobrir essa palavra, de onde ela veio. Eu não sei de onde ela veio. Só sei que o Lula usava o tempo todo. "Isso é maracutaia do Collor", "maracutaia" e "maracutaia!" Eu procurei primeiro no Aurélio e não encontrei "maracutaia".

Évelin Argenta: O "Aurélio", é bom explicar, porque talvez – diferente de mim – você já tenha nascido na era Google... o "Aurélio" é o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. A palavra "Aurélio", aliás, virou até sinônimo de dicionário. Mas ele chama assim porque ele ganhou o nome do Aurélio Buarque de Holanda, o grande organizador da primeira edição em 1975 – e de várias outras reedições, até ele morrer – justamente em 1989, que foi o ano em que o Ancelmo tava lá, procurando

"maracutaia" no Aurélio... sem sucesso. E o que que um jornalista de notas faz quando ele não encontra uma informação? ... a mesma coisa que ele faz quando ele encontra a informação, ué! Uma notinha! Tá lá, no Informe JB de 14 de dezembro de 89:

"O próximo dicionário do Aurélio terá que publicar o verbete maracutaia. A palavra, que não está registrada nos principais dicionários da língua portuguesa, vem sendo utilizada com frequência pelo candidato Luís Inácio Lula da Silva para definir os atos de seu adversário Fernando Collor de Mello. Maracutaia pode ser traduzida como armação, malandragem ou baixaria."

Évelin Argenta: O Ancelmo não encontrou "maracutaia" no dicionário... mas ele entendia o que ela queria dizer.

Ancelmo: é coisa errada. Coisa errada, né? Estudar para saber o que era o Collor está envolvido na maracutaia lá em Alagoas, né? Pelo contexto, dá para saber quem está fazendo coisa errada.

Évelin Argenta: "Coisa errada". Que, na notinha, o Ancelmo traduziu como "armação", "malandragem", ou "baixaria". Quer dizer, nessa notinha, ele acabou publicando a primeira definição da palavra "maracutaia" de que se tem notícia – pelo menos de que eu tenho notícia... e olha que eu procurei, viu? Eu esbarrei com essa notinha quando eu tava apurando informações pro podcast Collor vs Collor, um original Globoplay produzido aqui pela Rádio Novelo. Se você ainda não ouviu, depois que acabar o Rádio Novelo Apresenta, busca lá na sua plataforma de áudio preferida. Todos os episódios tão no ar. Mas, enfim, quando eu li essa notinha do Ancelmo, fiquei encucada... mas eu sabia que essa era uma história tangencial à apuração do Collor vs Collor, que merecia toda uma outra apuração... A primeira coisa que eu fiz foi checar no dicionário hoje, em 2023, se agora, mais de 30 anos depois, a palavra "maracutaia" já tinha ganhado um espacinho no dicionário. Eu fui – como você pode imaginar – no Google. E, sim, tá lá, em dicionários online, a definição de maracutaia. No "Dicio", que é um dicionário gratuito online, tem o verbete: "Maracutaia", que diz:

"Ato ilícito, contrário à lei, especialmente falando no âmbito político; tramoia, manobra, falcatrua."

Évelin Argenta: Tá, o significado já tá bem claro. Não é esse o mistério.

O que eu queria saber era: de onde essa palavra veio?

Será que ela só tá no dicionário por causa do Lula? O Ancelmo chuta que sim.

Ancelmo: eu sinto que... que é uma contribuição do Lula para o vocábulo brasileiro a palavra "maracutaia".

Évelin Argenta: "Maracutaia". "Maracutaia". "Maracutaia". É uma palavra tão familiar que é difícil acreditar que já teve língua portuguesa – língua portuguesa falada no Brasil – sem ela. E aí o Lula desanda a falar... e ela vai parar no dicionário. A conclusão precipitada – mas terrivelmente sedutora – seria: o Lula inventou maracutaia.

A palavra maracutaia, digo.

Seguindo meu ímpeto jornalístico, eu fiz o que? Pedi uma entrevista. Pro presidente da República.

Eu quase consegui sentir a risada do assessor do Lula na resposta. *la ser difícil*.

Digamos que talvez o presidente tivesse coisa mais importante pra fazer? Mas o assessor disse que ia tentar.

É aquela história: a esperança é a última que morre.

Ou o famoso "o não a gente já tem". Agora só falta o quê? A humilhação.

Quando eu voltei a cutucar o assessor do presidente... ele me disse finalmente que não, o Lula não ia parar pra bater papo comigo sobre uma história de 34 anos e nove eleições atrás... mas ele disse que puxou o assunto com o presidente, e que ele lembrava, sim, desse buxixo por causa do uso de "maracutaia" nas eleições de 89... das pessoas vindo perguntar pra ele de onde vinha a palavra, e de muita gente até duvidando que ela existisse. Na época, chegaram ao cúmulo de ir procurar um primo do Lula em Garanhuns pra saber se ele tinha inventado o termo...

Moura: Alô, boa noite.

Évelin: Boa noite, Moura. Tudo bem com você?

Moura: Graças a Deus, comigo está tudo bem. Quem é?

Évelin: Tudo certo? Eu sou Évelin se lembra que eu entrei em contato com você esses dias...

Moura: Ah, a jornalista!

Évelin: Isso.

Évelin Argenta: Quando eu descobri sobre essa busca pelo primo do Lula lá em Garanhuns pra comprovar sobre a “maracutaia”... eu lembrei de uma matéria do Tiago Coelho, na revista piauí, que eu tinha lido láááá atrás, em 2017... sobre uma excursão que uma agência de turismo tava fazendo pra visitar a cidade natal do Lula... e de um primo dele, o José Moura de Melo, que participava da organização do tour lá em Pernambuco. O Tiago me passou o contato do Moura, e ele topou conversar comigo. Pra começar, ele desenvolveu um pouco mais as acepções da palavra “maracutaia”.

Moura: “Maracutaia” quer dizer: o cabra que vive de maus negócios, de bagunça, que compra e não paga, que diz uma coisa e não faz... quem vive de negócio troncho, que vive comprando bagunça... A pessoa diz: “Fulano faz o quê?” “Ah, rapaz, aquele só vive de maracutaia, inventando história, mentindo. É um mentiroso que fica mentindo por aqui, mentindo para acolá...”

Évelin Argenta: E o Moura lembra bem de quando o Lula desandou a usar a palavra... e quem era o alvo da acusação.

Moura: Todo mundo sabe, sim, como todo mundo sabe, que Collor tentou tomar o dinheiro do povo e todo aquele negócio.

Évelin Argenta: Isso de “tomar o dinheiro do povo” que o Moura tá falando é sobre o confisco das cadernetas de poupança, parte do plano Collor, que só foi acontecer depois que ele foi eleito, claro. Antes de o Collor tomar posse, o Lula não tinha bola de cristal pra saber que ele ia fazer isso... e o Moura tem um palpite de por que ele preferiu usar a palavra “maracutaia” em vez de, sei lá, “corrupção”. Ou “roubo”.

Moura: Então é aquele negócio: eu não posso chamar você de ladrão, porque pra eu chamar você de ladrão, eu tenho que provar. Você pode me denunciar ... vou ficar com a cara no chão. Aí eu digo: “Você vive de maracutaia, você anda fazendo maracutaia”. O que é maracutaia?

Évelin Argenta: Quer dizer: será que o Lula resolveu falar em “maracutaia” em vez de chamar o Collor de “ladrão” pra evitar um processo por infâmia e difamação?

Moura: O próprio juiz não vai saber o que é... Não existe crime para maracutaia.

Évelin: Hoje em dia já sabe, porque hoje em dia já tá no dicionário... [risos]

Évelin Argenta: Será que se alguém te acusar de fazer maracutaia você pode processar a pessoa por difamação, agora que já tá no dicionário?

Eu confesso que fiquei tentada a me deixar levar por mais essa tangente investigativa, mas achei melhor concluir essa investigação primeiro.

E uma coisa que ficou clara na conversa com o Moura – e também na conversa com outro primo do Lula que eu também importunei, o Eraldo Ferreira dos Santos – é que o Lula não inventou a palavra maracutaia. Ela já era bem conhecida desde sempre no interior de Pernambuco, onde os três nasceram.

Eraldo: Lula foi para São Paulo muito pequeno, mas vivia no meio da comunidade nordestina, eu não sei onde nem como ele adquiriu essa palavra, mas ela já era conhecimento da gente aqui.

Évelin: Sim, já falava isso quando era criança, adolescente. Seus pais falavam já.

Eraldo: A gente não dá pra precisar o momento que a gente conhece as palavras pra falar. Mas de repente eu cresci falando algumas palavras. E quando a gente cresce, vai para a escola estudar, etc, você vê que aquela palavra tem origem francesa, outra tem origem inglesa, outra tem origem do espanhol...

Évelin Argenta: As origens das palavras. A qualidade da gravação desse telefonema com o Eraldo não ficou das melhores, mas ele tocou num assunto central pra essa investigação aqui. As palavras não nascem do nada. Claro, você pode inventar uma palavra – sei lá, “trixulipa” (será que já existe a palavra “trixulipa”, meu deus??) – mas ela só vira uma palavra mesmo se ela tiver comunicando alguma coisa, se tiver um significado, um uso... que nem “maracutaia” tem, e o Ancelmo Góis nem precisou do verbete do dicionário pra entender – e definir! – na notinha dele em 89. E, ok, pode ser que “trixulipa” seja uma expressão que super comunica alguma coisa dentro da minha família, ou do meu grupo de amigos, tipo... “*essa melancia tá meio trixulipa, né?*”. Mas quando é que essa palavra merece um “lugar ao sol” no dicionário?

Renata: o que estabelece a necessidade da entrada daquela palavra é o uso. Mas o uso que você possa de dar garantia de que ele tem permanência ou que ele tem representatividade dentro da língua como um todo.

Évelin Argenta: Pra entender melhor essa ordem das coisas – da entrada das palavras no dicionário – eu fui conversar com uma lexicógrafa: a Renata de Cássia Menezes da Silva, que trabalhou por anos no Aurélio, depois no Houaiss, e hoje trabalha no DLP, o Dicionário da Língua Portuguesa, que é feito pela Academia Brasileira de Letras. A Renata me falou especificamente sobre a entrada de novas palavras no dicionário geral. E ela usou de exemplo uma palavra que a gente tá acostumada a ver por aí – mas que não tá dicionarizada: “Falsiane”.

Renata: É claro que, por exemplo, muito dificilmente um termo como “Falsiane” vai entrar no dicionário geral mais normativo, mas a tendência de você só dar vazão a esse tipo de registro, esse tipo de palavra, quando ela realmente se estabelece por muito tempo na língua.

Évelin: Isso diferencia “Falsiane” de “maracutaia”, por exemplo.

“Maracutaia” tem uma vida útil maior do que a Falsiane?

Renata: Em princípio, sim. E tem também uma extensão maior, um campo dela de ação, digamos assim, da palavra. Atuação, digamos, melhor. E maior também, Porque uma coisa que é uma realidade muito mais aberta a todo o âmbito da sociedade e todo o plano da sociedade do que somente a um determinado nicho e determinada faixa etária, embora a gente saiba, tenha conhecimento, mas tenha essa questão toda, é o que acontece com maracutaia...

Évelin Argenta: A Renata sabia que eu tava ali focada na missão.

Renata: Maracutaia é uma história engraçada, interessante, né. No que você falou, na hora eu fui... comecei a pesquisar, eu comecei a correr atrás, meio que dá uma pesquisada [...]

Évelin Argenta: "Meio que dar uma pesquisada" é um eufemismo. A Renata se afundou comigo na maracutaia – na palavra, tá? – pra tentar entender como ela foi parar no dicionário. Pesquisar, aliás, é o trabalho dela desde sempre. E, como você vai perceber, ela não gosta de falar nada sem ter certeza.

Renata: Olha, eu não conheci nenhum lexicógrafo mais próximo de mim que não me dissesse, como, por exemplo, o próprio Houaiss disse, e

aconteceu comigo, em que você não acordasse de madrugada com algo, pensando em alguma coisa sobre uma palavra, uma solução ou uma dúvida, uma questão sobre uma palavra. Porque são coisas que ficam ali, meio que no inconsciente da gente, trabalhando, remoendo. Tem um grau de insanidade. Certas horas, as palavras te puxam, se a gente não tiver um controle emocional muito grande. Até porque você fica muito reflexivo e toda reflexão sempre puxa um pouco mais de porque é isso, porque é aquilo, porque é aquilo outro, porque somos assim. Donde se sucede, que nem diria o Didi dos Trapalhões, né?

Évelin Argenta: Bom, deu pra entender que a Renata era a pessoa certa pra me ajudar nessa busca. Porque, até falar com ela, eu tava numa vertente de pesquisa bem, digamos, “jornalística”: eu tava entrevistando pessoas – tipo o Ancelmo Góis, os primos do Lula –, e revirando jornais velhos. Aliás, por falar em jornal e por falar em Ancelmo, eu acabei encontrando outra notinha mais antiga do Informe JB – de 85 – que já falava da confusão em torno da palavra “maracutaia”... e não era o Lula daquela vez. Vou ler aqui:

"O deputado José Genoíno (PT-SP), [...] disse anteontem na votação da emenda da Anistia que não admitia maracutaia. Pediram-lhe tradução. Ele informou que era uma expressão paraense usada para designar jacutinga. Não resolveu. Foi preciso esclarecer que jacutinga, no Ceará, é sinônimo de mutreta."

Évelin Argenta: Será que o Lula não aprendeu a palavra “maracutaia” com o Genoíno, lá nos primórdios do PT? É bem possível... mas ele pode muito bem ter pegado de outra pessoa. Porque eu acabei achando uma matéria mais antiga ainda, de 1984, no jornal Cidade de Santos, que usou a palavra “maracutaia” pra falar de um esquema de corrupção dentro da prefeitura. Ou seja: maracutaia já tava no vocabulário das pessoas há bastante tempo antes de “viralizar” com o Lula. Mas de onde ela tinha saído?

Renata: A gente da lexicografia, a gente trabalha com coisas suspensas no ar, tipo coisas, hipóteses. Mas a gente também tem que ter o pé no chão e tem que ter o lado lá de pesquisa lá atrás dizendo qual é a realidade da língua, em que é que é, quando que acho que tipo de palavra entra na

língua, quando entrou, como é que entrou, como é que funciona, como é que funcionou, como seria hoje, entendeu?

Évelin Argenta: Eu nem precisei falar pra Renata qual era minha dúvida sobre a origem da palavra e ela já me mandou uma pesquisa completa, cheia de referências e de lugares onde "maracutaia" era justificada por umas etimologias meio capengas. É que a maracutaia gerou tanta teoria que rapidamente apareceu uma explicação pra a origem dela: seria uma palavra de origem da família linguística Tupi-Guarani, juntando elementos como mará (guerra ou desordem) cu (língua) e tai (maldosa, azeda).

Renata: E eu fiquei encafifada. A minha sorte foi que eu caí e fui ler um artigo de um filólogo, um professor lá do Recife, infelizmente já falecido. Geraldo Lapenda. Tipo assim...ele recebeu a bola no peito, como é que se fala na língua de futebol?

Évelin: Matou.

Renata: matou no peito, arrumou e chutou!

Évelin Argenta: O Geraldo Lapenda foi um importante filólogo pernambucano que estudou o guarani antigo e também o tupi. E ele escreveu esse artigo que a Renata falou em junho de 1990 no Jornal do Comércio do Recife. Tanto o Geraldo, lá em 1990, quanto a Renata, agora em 2023, põem em xeque essa suposta origem indígena de "maracutaia", que disseca sílaba a sílaba... porque essa "tradução" junta prefixos e sufixos de duas línguas diferentes! – o tupi e o guarani. E, mesmo que "maracutaia" viesse da junção de palavras de um único tronco linguístico, essa mistura de "guerra", com "língua", com desordem... não traduz exatamente o que a gente entende por maracutaia, né?

Renata: Pode ser que ele não esteja certo? Pode ser. Mas ele veio me dar aquela sensação assim, "poxa, não foi só eu que pensei isso que não é. Não é por aí." E ele veio com outros elementos e ele veio com elementos dizendo a partir da experiência dele, dos estudos dele dentro das línguas originárias, dizendo "Olha, não é possível você somar Guarani com Tupi, tá, tá, tá e fazer alguma coisa legal que não vai. Não vai ser isso nessa realidade, não é o que não condiz. E essa na minha cabeça não estava condizendo. Porque? Porque as línguas, nas palavras do Tupi, ou do Guarani, ou do Guarani, ou do Nheengatu, ou o que for, elas entram, entrarão muito mais anteriormente do que recentemente.

Évelin Argenta: Nesse artigo do Geraldo Lapenda que a Renata encontrou, ele aventa uma outra possível origem pra palavra “maracutaia”.

Renata: a proposta dele de que se trata de uma de uma palavra de origem expressiva, aquela cujos sons vão te evocando alguma coisa e você vai fazendo associações mentais com outras palavras e outras coisas, me pareceu muito interessante.

Évelin Argenta: Segundo essa teoria do Lapenda, quem inventou, digamos assim, a palavra “maracutaia” deve ter se baseado nesse sonzinho no final da palavra - o “aia” - que, normalmente, dá uma ideia pejorativa. Tipo gandaia, catraia, laia... A cartada final do Geraldo Lapenda no artigo é a seguinte:

"A prova disso está no fato de que quase todas as pessoas por mim inquiridas, as quais ouviram Lula empregá-la, captaram logo o seu significado sem o auxílio de um dicionário"

Évelin: *Mara, mara, mara...nossa, gente! Desaprendi a procurar no dicionário, agora?*

Évelin Argenta: Sim... é bem provável que eu tivesse desaprendido a procurar no dicionário mesmo. Porque a última vez que eu peguei um desses na mão foi, sei lá, em 1900-e-guaraná-com-rolha.

Mas é que nem andar de bicicleta, né?

Eu queria saber quando exatamente a palavra "maracutaia" tinha ganhado um verbete no Aurélio. Então eu fui até a biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, e pedi pra consultar cada uma das edições do dicionário.

Eu comecei pela edição de 1975, que é a primeira de todas: e não tava. Fui pra segunda edição, de 1986.

Évelin: *Aqui: maracati, maracatu, maracotão, maracujá, marafona. Então é isso: maracujá, marafona.*

Évelin Argenta: Nada. Partiu terceira edição, de 1999.

Évelin: *tá chegando perto da palavra tô ficando nervosa, é isso? Aaaaachei! Olha que linda!*

Évelin Argenta: Bom, foi a minha vez de ser acometida por uma felicidade estúpida, tipo o Ancelmo Góis quando chegou lá no JB.

Évelin: [...] na página 1281 da terceira edição do Dicionário Aurélio, eis que ela surge. *Maracujá-vermelho, maracujazeiro... Maracutaia: negócio fraudulento, negociata. Exemplo: não terá sido esta nem será a última maracutaia do gênero.*

Évelin Argenta: Mil novecentos e noventa e nove. Foi quando a palavra maracutaia foi oficialmente registrada no dicionário Aurélio, uma década depois dos debates presidenciais de 89. No dicionário, tem um exemplo de uso da palavra numa frase... um textinho pra gente entender como a palavra costuma ser usada.

"Maracutaia" é uma dessas palavras. A frase é: *"Não terá sido esta a primeira, nem será infelizmente a última maracutaia do gênero."*

Tem a fonte dessa frase de exemplo ali no dicionário.

E não, não era uma frase do Lula. Era do jornalista Otto Lara Resende, de um artigo que ele publicou na Folha de São Paulo em agosto de 1992.

Mas é só um exemplo, o dicionário não diz que essa foi a primeira ocorrência da palavra. Até porque a gente sabe que não foi, né?

Mas essa referência do artigo do Lara Resende ajuda a gente a dar mais um passo nessa busca pela origem – não da palavra “maracutaia” em si, mas da chegada dela no Aurélio. A Renata, que conhecia bem a equipe que fez essa terceira edição de 99, tem um palpite.

Renata: Eu posso dizer a você que pelo perfil do jornal Folha de São Paulo, muito provavelmente tenha sido. Aí tem a pessoa aí produzir essa, esse título Não acredito que tenha sido a Margarida, nem a Marina. Talvez tenha sido ou o Geovane, que infelizmente, quando eu entrei, comecei a trabalhar no dicionário, não estava lá mais porque tinha falecido, apesar de que acho que ainda ainda não sei dizer se teria feito isso. Ou o Manuel Pinho Medeiros, que também era lexicógrafo na equipe da equipe Aurélio quando eu entrei, e que também era uma pessoa muito estudiosa, com muita leitura e tudo mais, mas que era muito dado também abonar periódicos.

Évelin Argenta: Bom, eu rodei e rodei pra chegar aqui e te dizer que eu não descobri de onde veio a palavra “maracutaia” e como foi que ela foi parar no dicionário. Não consigo nem cravar se ela tá lá por causa do Lula ou não.

Renata: Eu posso dizer para você que eu não sei como, eu não tenho como garantir, como foi, quem deu entrada na palavra maracutaia e por que aconteceu na terceira edição do Dicionário Aurélio. Mas lembra que eu continuo atuando em lexicografia...

Évelin Argenta: Lembra? Hoje em dia a Renata é redatora do DLP, o Dicionário de Língua Portuguesa, da Academia Brasileira de Letras.

Renata: se eu não posso garantir para você se a entrada do Aurélio se deu por esse sentido, eu posso dizer a você que a sua pesquisa me fez pesquisar sobre maracutaia e que fez com que eu apresentasse a proposta de introdução da palavra ao editor. Então a palavra agora consta do DLP, um dicionário em construção. E isso foi graças à sua provocação, que fez com que a gente atentasse para que a necessidade da introdução dessa palavra.

Évelin Argenta: Quer dizer: eu não consigo cravar que foi o Lula quem fez a “maracutaia” ir parar no Aurélio. Mas eu consigo cravar que fui eu quem emplaquei a “maracutaia” no DLP. Olha, por esse fim de apuração – eu te juro que – eu não esperava. Pra ver o verbete de maracutaia no Dicionário da Língua Portuguesa, é só buscar pelo site da Academia Brasileira de Letras no Google. Afinal, tudo tá no Google.

Branca Vianna: Essa foi a Évelin Argenta, produtora sênior da Rádio Novelo.

Obrigada por ficar com a gente até o final de mais um episódio do Rádio Novelo Apresenta. Essa semana, no nosso site, tem fotos das tatuagens trocadas da Célia e Celma, e os registros da jornada etimológica da Évelin.

Lá no site também tem uma seção chamada "envie uma pauta".

Clica lá se você quiser saber como faz pra mandar uma história pra gente.

Os episódios do Rádio Novelo Apresenta estão disponíveis nos principais aplicativos de áudio. Você pode seguir a gente no Spotify, no Apple Podcasts, e no

Amazon Music. Na Deezer, é só favoritar. Também dá pra se inscrever no Google Podcasts, no Castbox e no canal da Rádio Novelo no YouTube.

E não esquece de seguir a Rádio Novelo no Twitter e no Instagram, no arroba radionovelo, e marcar a gente sempre que for recomendar ou comentar sobre algum episódio.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo.

A gente tem o apoio da Open Society Foundations.

Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pelo Bruno Lima.

Nesse episódio a gente usou música original de Arthur Kunz e também da Blue Dot. A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças essa semana foi feita pela Natasha Gompers.

E a nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira. Brigada, e até a semana que vem.